



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES
LETRAS

VANESSA CRISTINE DA SILVA FREITAS

A ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA NO ROMANCE
“ANGÚSTIA” DE GRACILIANO RAMOS

BRASÍLIA - DF
Novembro/2012

VANESSA CRISTINE DA SILVA FREITAS

RA: 2092554-1

**A ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA NO ROMANCE
“ANGÚSTIA” DE GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a professora Maria Eneida Matos da Rosa.

BRASÍLIA - DF

Novembro/2012

VANESSA CRISTINE DA SILVA FREITAS

**A ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA NO ROMANCE
“ANGÚSTIA” DE GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a professora Maria Eneida Matos da Rosa.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Eneida Matos da Rosa (UniCEUB)

AGRADECIMENTOS

Foram muitas pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço primeiramente a Deus, por me ter me guiado e dado condições físicas e mentais para terminar um trabalho tão cansativo e longo como este. Também agradeço a minha família, e principalmente a minha mãe, por ter se mostrado paciente enquanto eu estava estressada, e por ter me apoiado na trajetória do curso. Aos meus amigos, pela compreensão da minha ausência para a realização desta monografia. À professora Ana Luiza Montalvão Maia, por ter iniciado esta pesquisa comigo e à professora Maria Eneida Matos da Rosa, por ter tido paciência para me orientar e ajudado a concluir este trabalho.

O romancista de “Angústia” nos arranca o estômago. Nos põe meio alucinados, doentes, enraivecidos, nervosos. Todas as sensações juntas ele nos dá. Aí é que está a sua força.

Jorge Amado

RESUMO

Neste trabalho tentou-se compreender o herói problemático Luís da Silva na obra “Angústia”, de Graciliano Ramos, para os estudos literários, buscando entender os motivos que levam esse personagem a ser um fracassado, sua difícil relação com o mundo em que vive e os problemas que enfrenta dentro da realidade que o cerca. A intenção é fazer uma análise da vida de um funcionário público, que é visto como um homem comum, medíocre. Um homem ridículo. Essa pesquisa demonstra sua relevância para a formação de leitores que, além de tentar compreender o herói fracassado, vão poder realizar uma comparação com a realidade na qual se encontram. Como resultado, percebeu-se que, assim como na vida real, a literatura mostra que o homem tem usado de artifícios para negar a sua existência ou fugir dela. Para entender sobre o conceito de herói problemático, foi necessário recorrer às análises de Georg Lukács. Procurou-se também retratar a figura do pobre diabo de José Paulo Paes, e para entender o herói de “Angústia”, objeto de estudo da monografia, teve as contribuições das análises de Antônio Candido.

PALAVRAS-CHAVE: Herói Problemático, Literatura Brasileira, Angústia, Graciliano Ramos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: O Herói Problemático	9
CAPÍTULO 2: Graciliano Ramos e a Literatura Brasileira	15
CAPÍTULO 3: Análise da personagem Luís da Silva do Romance “Angústia” de Graciliano Ramos, e a relevância da obra no contexto escolar	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho “A análise da personagem Luís da Silva no romance “Angústia”, de Graciliano Ramos”, visa compreender e verificar o papel do personagem fracassado (do herói fracassado e solitário) para os estudos literários, buscando entender como o autor traz uma personagem que não sabe lidar com as transições da vida, frustrações com seus relacionamentos e emprego, queda de paradigmas e decepções. Além disso, tenta-se entender porque ele é um ser amargurado e mal resolvido, que não faz mal a ninguém a não ser para si mesmo, como também o porquê do fato de ser oprimido pela sociedade, e porque é consumido pela sua forma de pensar e de se interiorizar, etc. Assim, essa pesquisa demonstra sua relevância para a formação de leitores que, além de tentar compreender o herói fracassado, vão poder realizar uma comparação com a realidade na qual se encontram.

Assim, para a análise da personagem, foi necessário recorrer aos estudos teóricos de Georg Lukács, em “A Teoria do Romance”, Antônio Cândido, na obra “Ficção e Confissão” e José Paulo Paes com seu ensaio intitulado “A Aventura Literária. Ensaio sobre ficção e ficções”.

No primeiro capítulo desta pesquisa de conclusão de curso, será analisado o conceito de herói problemático da obra “A Teoria do Romance” de Georg Lukács. Este primeiro capítulo se chama “O Herói Problemático” e, a partir dele, procurou-se retratar a figura do pobre diabo de José Paulo Paes de sua obra “O Pobre Diabo no Romance Brasileiro”. O tema do segundo capítulo se chama “Graciliano Ramos e a Literatura Brasileira”, e fala sobre a crise da década de 1930 e 1940, dando início ao Romance de 1930, na qual o autor de “Angústia” está inserido, e faz parte da prosa da 2ª fase do Modernismo, de modo que também abordará o Regionalismo, que faz parte desse contexto literário, tendo como personagem em suas obras os heróis problemáticos. Daí é que surge o herói de “Angústia”, objeto de estudo da monografia, que teve ainda a contribuição das análises de Antônio Cândido, no seu livro “Ficção e ficções”, uma vez que no capítulo 3 pretende-se analisar a personagem Luís da Silva, do romance “Angústia”, de Graciliano Ramos. Já o último capítulo recebe o título de “Análise da Personagem Luís da Silva do Romance “Angústia”, de Graciliano Ramos, e a relevância da obra no contexto escolar”.

Capítulo 1

O HERÓI PROBLEMÁTICO

Georg Lukács é um escritor húngaro, e foi o primeiro a dar início ao estudo do herói problemático na literatura. Em seguida, Goldmann, apoiando-se nas ideias de Georg Lukács, contribuiu com o desenvolvimento desse estudo realizando também alguns trabalhos literários sobre o tema.

Após ter conhecido o filósofo alemão Hegel e ter se firmado no marxismo, Georg Lukács desenvolveu uma crítica literária em seu livro “A Teoria do Romance”, redigido em 1914 e 1915, onde descreve sobre as histórias filosóficas das “antigas epopeias clássicas gregas” ¹, utilizando-se de textos épicos para a sua pesquisa sobre o romance moderno, através de análises comparativas.

Partindo do conceito formado por Lukács em seu livro “A Teoria do Romance”, destaca que há quatro tipos de heróis: O herói épico, o herói trágico, o herói dramático e o herói romanesco. Na definição de Georg Lukács, o herói do drama:

[...] ignora toda a aventura, pois, pela força de sua alma ungida pelo destino e alcançada a si mesma, o acontecimento que deveria tornar-se para ele aventura converte-se em destino ao mero contato com ela, em mero pretexto de prova, em oportunidade da revelação daquilo que jazia prefigurado no ato de alcançar-se da alma. O herói do drama desconhece toda a interioridade, pois a interioridade nasce da dualidade antagônica entre alma e mundo, da penosa distância entre psique e alma; o herói do drama não sai a campo para provar a si mesmo: ele é herói porque sua certeza interior está afiançada a priori, para além de toda a prova; o acontecimento que dá forma ao destino é para ele somente uma objetivação simbólica, uma cerimônia profunda e solene... ²

Da citação acima, pode-se afirmar que o herói do drama é mais passivo do que ativo, e não tem experiência em sua vivência interna, nem percepção da mesma. Além disso, o herói dramático é guiado pelo destino concebido a ele, e é esse o fato de dizer que ele é passivo quanto aos acontecimentos, porque é paciente e espera para depois agir. Assim, pode-se dizer que ele nunca está no comando, mas apenas os outros, pois não escolhe um rumo certo, apenas segue a direção que lhe é

¹ KLAUCK, Ana. "A Teoria do Romance de Georg Lukács: uma reflexão sobre o herói de Os Ratos, de Dyonélio Machado". Disponível em: <www.palpatar.com.br/download.php?file=A%20teoria%20romance.pdf> Acesso em: 6, Setembro de 2012.

² GEORG, Lukács. "A Teoria do Romance: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as formas da grande épica". São Paulo: Editora 34, 2000, p. 90

imposta. Por isso ele não “depende de nenhuma experiência”, porque é “gerado no interior da própria razão”, ou seja, de “raciocínio, método, conhecimento”, assim como o pensador racionalista Kant afirma sobre a existência desse tipo de acontecimento.³ Com isso, até mesmo Lukács afirma que há uma “falta de estilo do drama moderno, sobretudo o de Ibsen, é que seus principais personagens têm de ser postos à prova, que eles sentem em si o distanciamento de sua alma e querem superá-lo na ânsia desesperada de submeter-se à prova ditada pelos acontecimentos” (p. 91).

O herói do drama gosta de ser exposto ao perigo e, quanto mais lutas enfrentar e vencer, mais valiosa sua vida será, porque apenas assim conseguirá vencer as lutas interiores de sua vida, pois faz parte de sua própria essência.

Já em relação ao herói trágico, Lukács afirma que ele “alcançou sua alma e ignora portanto toda a realidade que lhe seja alheia: tudo quanto lhe seja exterior torna-se para ele pretexto do destino predeterminado e adequado” (p. 90). O herói trágico ignora a realidade alheia pelo fato de ter alcançado seu princípio espiritual e de ter atingindo toda a sua consciência, por isso não necessita demonstrar que se preocupa com a realidade que o cerca. Além disso, ninguém faz diferença para ele, por isso ele não é agitado conforme os acontecimentos que não sejam os seus, pois está em total estado de tranquilidade. Ele também acredita que seu destino não pode ser alterado, pois não se tem livre-arbítrio para mudá-lo, assim como não se pode fazer escolhas, porque ele é apenas um ser “guiado por deuses em seus caminhos” (p. 67). Com isso, ele deixa a sua vida nas mãos dos deuses, que são os únicos autores dela. Assim, para o estudioso:

O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade.⁴

³ JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. “Dicionário Básico de filosofia”. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006, p. 14.

⁴ LUKÁCS, Georg. Idem, 67.

No romance de Lukács há uma batalha coletiva entre os heróis da epopeia, porque cada um precisa triunfar em todas as áreas de sua vida, para assim poder conquistar os povos e sair vitorioso.

O herói da epopeia agia movido aos interesses coletivos e não unicamente de um indivíduo. Era necessário compartilhar todos os acontecimentos que ocorriam com os povos.

Segundo Georg Lukács, o herói romanesco nasce do “alheamento em face do mundo exterior” (p. 66). Mas quando o herói se alheia de tudo, ele provoca um mergulho no abismo de seu interior, e causa angústia pelo fato de não conseguir encontrar o que realmente procura, por isso ele se torna individual. Daí o interesse pela narrativa graciliana. E assim, Georg Lukács afirma que os heróis romanescos:

[...] buscam algo. O simples fato da busca revela que nem os objetivos nem os caminhos podem ser dados imediatamente ou que, se forem dados de modo psicologicamente imediato e consistente, isso não constitui juízo evidente de contextos verdadeiramente existentes ou de necessidades éticas, mas só um fato psicológico sem correspondente necessário no mundo dos objetos ou no das normas.⁵

Acerca da citação acima, Georg Lukács quer dizer em outras palavras que o herói poderá ser um louco ou um criminoso, pois a loucura leva a cometer o crime, e isso é típico do heroísmo que quer buscar sempre a perfeição, pelo fato de ele querer dominar a vida e ter controle de todas as situações ao seu redor.

O crime é cometido pela falta de sentido, e o herói só o pratica quando perde seu juízo. Assim, ele nega sua faculdade principal de “relação da alma com seu destino”, (p. 61) tornando-se amargo, solitário e individual, o que segundo Georg Lukács, isso é gerado por seu sentimento nostálgico de mundo. É a partir disso que surge o herói problemático. E segundo Georg Lukács:

[...] o heroísmo tornou-se polêmico e problemático; ser herói não é mais a forma natural de existência da esfera essencial; antes, é o elevar-se acima do que é simplesmente humano, seja da massa que o circunda ou dos próprios instintos. (LUKÁCS, 2000. p. 41)

À medida que o herói fracassa, ele descobre sua total inutilidade, e toda sua trajetória de batalhas e lutas para ele se tornam em vão, permanecendo-se apenas o

⁵ LUKÁCS, Georg. "A Teoria do Romance: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as formas da grande épica". São Paulo: Editora 34; 2000, p. 60.

seu sofrimento diante da derrota. Assim, ele se “acomoda”, e acaba gerando “conflitos internos”, ficando à margem da “sociedade”, e dando espaço a ser um ser oprimido, tornando-se então um herói problemático. Por consequência, ele sente “a necessidade de configurar como heróis tipos ideais de uma humanidade” (p. 112), para assim tentar se ajustar às atitudes e comportamentos deles. Apenas assim o herói romperá com suas atitudes inadequadas no mundo.

Quando o herói se torna problemático, “a profissão perde toda importância para o seu destino”, assim como o “casamento, a família e a classe para o destino de suas relações mútuas” (p. 119). Com a decadência da vida, o herói problemático se isola e acaba desenvolvendo uma alma individual. Sua vida torna-se sem rumo, e o seu mundo sem sentido, fragmentado e degradado.

Segundo Georg Lukács, a vida do herói problemático é marcada por “penosas lutas e descaminhos” (p. 138). E a partir do momento em que “o mundo exterior não se liga mais a ideias” (p. 79), os desejos tornam-se inalcançáveis e irreais, por isso ele se acomoda além de julgar-se incapaz, tornando-se também “vazio de ideias”. Ele reage assim porque a realidade é corrupta e opressora e, por se entregar ao sofrimento, se anula e fracassa em sua interioridade, e aumenta sua solidão, pois reage conforme as causas e efeitos que o mundo moderno e cruel tem sobre ele, mas apenas de maneira negativa.

Segundo Georg Lukács, quando um herói se torna problemático, “sua problemática não reside em suas chamadas “falsas tendências”, mas precisamente no fato de querer realizar, de algum modo, o âmago de sua interioridade no mundo” (p. 142). Com isso, há uma discrepância entre realidade e ideal, e quando o objeto de desejo se torna impossível, pode-se considerar perdido, porque o que é inalcançável não se tornará real, até porque não se pode ser encontrado. Em meio à frustração, o desejo torna-se realizável apenas na alma, e não no mundo exterior, é por esse motivo que o desejo se torna uma ilusão, porque nada que é concreto pode ser realizado.

De acordo com Georg Lukács, o herói problemático, ao mesmo tempo em que se encontra sozinho no mundo, e se entristece pelo fato de não conhecer a si mesmo, ainda assim, vive uma sensação de tensão até mesmo quando se encontra, pois:

[...] no seu êxtase de ter-se encontrado mistura-se, numa chave elegíaca e acusatória, a tristeza do caminho que conduziu até ali: a decepção com a vida, que nem sequer foi uma caricatura daquilo que sua sabedoria do destino proclamou com tão nítida clarividência, e cuja crença lhe deu a força para avançar solitária nas trevas. (LUKÁCS, 2000, p. 44).

Quando o personagem problemático mergulha em si mesmo e descobre quem ele é, angustia-se pelo fato de não ser aquilo que esperava. Por causa disso, ele se tortura, e se culpa, gerando então um sentimento de raiva e frustração. Solitário e desesperado, e sem saber lidar com o seu sofrimento, ele renuncia a tudo, passando então a negar a sua condição humana, negando também a sua própria essência de viver. Assim, ele passa a não confiar em ninguém, pois o medo de se decepcionar é maior que os seus desejos, até porque ele tem total consciência de que o mundo moderno pode feri-lo, tanto moralmente quanto fisicamente. É a partir dessa crença que o herói problemático se perde, se isola e se fecha em si mesmo, porque apenas usa isso como uma forma de se defender do que o machuca, pois é seu único refúgio. O herói cria uma barreira entre o mundo interno e o mundo externo, resultando novamente em seu conflito interno, pois se perde por inteiro.

É por esse motivo que o herói se torna problemático, porque para ser um herói é necessário não desistir diante dos problemas do mundo, e ter forças para superar todos os desafios da vida. Mas, ao invés de fazer isso, ele escolhe viver “o deplorável fracasso de uma desejada adaptação a um mundo alheio a ideais, de um abandono da idealidade irreal da alma em prol de um controle da realidade”. (p. 87) Essa citação é o que se entende sobre abandono, pois, na decadência da vida, os ideais perdem todo o sentido para o herói problemático, “na medida em que configura a realidade como vencedora” (p. 87). Daí é que o herói deixa tudo o que é importante para trás, porque percebe que não tem capacidade de vencer, e com isso ele deixa de enfrentar as adversidades da vida, pois já se considera um derrotado, já que sua “desorientação não basta para tanto do que a uma problemática interna” (p. 87).

A complexidade do problema interno surge da dificuldade de resolver os problemas da vida, por isso o sentimento de tristeza é inevitável para o herói problemático. E, segundo George Lukács, a melancolia nasce pelo fato de ser adulto, assim como:

[...] da experiência conflitante de que a confiança absoluta e pueril na voz interior da vocação se rompe ou diminui, mas de que também é impossível

extrair do mundo exterior, a cujo despotismo nos devotamos agora docilmente, uma voz que indique sem equívocos o caminho e determine os objetivos.⁶

Quando o herói problemático se torna maduro, ele entra em um estado melancólico que é proveniente de suas experiências negativas. Ele passa a ter medo de assumir responsabilidades e de encarar o mundo de frente, pelo fato de ainda não estar apto a isso. De fato, é na fase adulta que o mundo o assusta e o futuro o assombra, pois é nessa hora que ele se vê completamente sozinho, e sem estar pronto para o mundo, ele percebe que a vida é bem diferente do que ele imaginou. Assim, o sentimento de tristeza é inevitável, pois a realidade é nua e crua com o herói problemático.

O herói problemático também pode estar associado à figura do “pobre diabo”, denominação feita pelo crítico e ensaísta brasileiro José Paulo Paes. Assim, ele diz que a expressão “pobre diabo” tem seu “caráter paradoxal”⁷, pois é conceituado como alguém que possui uma negatividade que se “abrande numa aura de positividade” (p.39). Isso quer dizer que o pobre diabo tem características pessoais ruins e boas. A característica ruim é o fato de ser um fracassado, covarde e inerte. Já a característica boa é o fato de ver injustiças no mundo. Segundo o autor, “pobre diabo” nomeia o “espírito do mal, decaído de Deus exilado para sempre no mundo inferior das trevas, de onde costuma se escapular para vir praticar maldades” (p. 39) no mundo celeste. Além disso, o autor designa como “diabo” o “homem de mau gênio”, o “indivíduo feio”, que é digno de “lástima e compaixão” (p. 39).

Assim, esta junção entre o herói problemático e o “pobre diabo” é característica própria da personagem vivida por Luís da Silva em “Angústia”, obra de Graciliano Ramos, publicada em 1936. Isso porque Luís da Silva também é um indivíduo degradado em um mundo moderno, um infeliz desprotegido, e por causa disso acaba fazendo parte de todo o universo do herói problemático que é a verdadeira figura do “pobre diabo”, aspectos que serão retomados no capítulo seguinte.

⁶ LUKÁCS, Georg. "A Teoria do Romance: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as formas da grande épica". São Paulo: Editora 34, 2000, p.87.

⁷ PAES, José Paulo. "A Aventura Literária. Ensaaios sobre ficção e ficções". São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 39.

Capítulo 2

GRACILIANO RAMOS E A LITERATURA BRASILEIRA

Após uma profunda crise nas décadas de 1930 e 1940, a humanidade mudou completamente a sua forma de pensar. Tal mudança aconteceu por causa da crise da bolsa de valores de Nova York ⁸, a Guerra Civil Espanhola ⁹, o New Deal ¹⁰, e em seguida resultando na Segunda Guerra Mundial. Assim, a queda da bolsa de valores nova-iorquina, deu início também à crise cafeeira no Brasil. Devido ao aumento da safra, os sacos de café ficavam acumulados. A turbulência econômica americana afetou ainda mais as vendas, porque “os Estados Unidos eram nosso maior importador de café” ¹¹.

No Brasil, em 1928, surgiu uma das maiores instituições literárias do Brasil. O Romance de 30 ou neorrealismo foi uma corrente artística da literatura do século XX, na qual os escritores realizavam críticas e denunciavam os grandes problemas sociais do Brasil. Além disso, o “Romance de 30” é influenciado pela ideologia marxista ¹², e faz parte de um conjunto de obras de ficção escritas na literatura brasileira, iniciada pela obra “A Bagaceira” de José Américo de Almeida, cujo romance compõe o “ciclo nordestino”, no qual o escritor Graciliano Ramos também está inserido. Faz parte da “prosa da 2º fase do Modernismo”, tendo como característica principal o “regionalismo brasileiro”, que é a “relação do homem com o meio em que vive” ¹³. No regionalismo, os autores retratam a realidade, sob o ponto de vista crítico das relações sociais. Os romancistas dessa época também abordam a figura do herói problemático, o anti-herói, que se opõe e resiste às pressões da sociedade e dos seus conflitos pessoais sofridos por ela, fazendo sempre uma análise psicológica de seus personagens. Segundo Candido e Castello,

⁸ Queda da bolsa de valores de New York levou milhares de americanos à falência.

⁹ 1936-39. Liderada por Franco. Foi conflito bélico deflagrado após um fracassado golpe de estado de um setor do exército contra o governo legal e democrático da Segunda República Espanhola.

¹⁰ 1933-37. New Deal - Novo acordo ou novo trato. Tinha como objetivo recuperar e reformar a economia norte-americana.

¹¹ MEIRELES, Domingos. “1930 - Os órfãos da revolução”. São Paulo: Editora Record, 2005. p. 330

¹² Conjunto de ideias filosóficas elaboradas por Karl Marx, que tem como propósito aniquilar o sistema capitalista para formar uma sociedade igualitária.

¹³ PRADO, Edna. “Modernismo no Brasil – Segunda Fase (Prosa)”. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/13667640/Literatura-Aula-25-Modernismo-no-Brasil-2-fase-prosa> > Acesso em: 10, Maio de 2012.

A ficção regionalista nordestina, cujas raízes sobem a Franklin Távora, passando por Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio, entra numa fase nova em 1928 com "A Bagaceira", de José Américo de Almeida, cujo introito é uma espécie de manifesto. Em 1930 aparece e tem grande êxito "O Quinze", de Rachel de Queiroz. Ambos possuíam um cunho regional e social, voltando-se para problemas como a condição e os costumes do trabalhador rural, a seca, a miséria. Na mesma linha, surgem em 1932 "Os Corumbas", de Amando Fontes, e "Cacau", de Jorge Amado. Do ano seguinte são "Meninos de Engenho", de José Lins do Rego, e "Caetés", de Graciliano Ramos.¹⁴

As obras desses escritores são de caráter regionalista, e basicamente o tema principal é a seca, o cangaço, a migração, os problemas do trabalhador rural, a condição social do homem na sociedade. Sobretudo em suas histórias, eles ressaltam a miséria e a ignorância, assim como a luta pela sobrevivência em relação ao descaso dos políticos, colocando em foco principal o sertão nordestino. Além disso, o regionalismo tematiza o "romance urbano e psicológico, o romance poético-metafísico e a narrativa surrealista". Procura refletir também sobre uma sociedade marcada pela exclusão e pela pobreza onde há muita desigualdade social, problemas sociais, econômicos e históricos, e também sobre o drama dos retirantes nordestinos explorados pelo capitalismo, em um sistema social injusto onde quem sempre domina são os ricos, tema que é frequente na literatura brasileira. Os autores do Romance de 30 demonstravam grande preocupação com a sociedade e seus problemas, assim como diz o escritor Luís Bueno em seu livro "Uma história do romance de 30":

Se o problema do homem contemporâneo tem origens sociais, o romancista de um tempo de engajamento do artista precisa encontrar uma forma de dar conta dos problemas sociais e olhar muito mais para a sociedade do que para os indivíduos. Daí a importância dada pelos autores de esquerda ao movimento coletivo. De outro lado, para aqueles que veem a forte presença de uma crise espiritual, é preciso mergulhar no indivíduo, pois é a partir dele que se pode tentar entender os problemas que a humanidade vive.¹⁵

Isso quer dizer que os escritores da época do "Romance de 30" baseavam-se nas fundações do marxismo, porque suas ideias na literatura em prosa eram completamente anticapitalistas e antifascistas,¹⁶ extremamente duras e críticas, pois

¹⁴ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. "Presença da literatura brasileira". 4.ed. rev. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 27-28.

¹⁵ BUENO, Luís. "Uma História do Romance de 30". São Paulo: Edusp, 2006, p. 203.

¹⁶ Oposição à doutrina totalitária desenvolvida pelo fundador do fascismo italiano, Benito Mussolini durante seu governo de 1922 - 1943.

a luta pelas classes é bastante abordada em suas obras. Assim como a preocupação com a sociedade e a busca para diminuir a pobreza eram também narradas.

Na segunda fase da prosa modernista, Graciliano Ramos foi considerado pela crítica literária como o melhor escritor ficcionista. Mas, nessa época, Graciliano Ramos não conseguiu a mesma aprovação que o escritor Jorge Amado, e somente muito tempo depois sua importância foi fundamentalmente significativa para a literatura brasileira. Até mesmo Jorge Amado elogiou sua obra “Caetés”¹⁷, e colocou Graciliano Ramos “na frente de todos os outros romancistas que surgiram nesses últimos anos”. Está claro que Jorge Amado considerou Graciliano Ramos um dos melhores escritores daquela época porque suas obras representam a verossimilhança social. Isso quer dizer que um bom romance não pode ser falso. Tem que ser verdadeiro, assim como as histórias do mundo real.

Os personagens de Graciliano Ramos representam a realidade, e suas obras resultam na maneira em como ele compreende a vida e a arte. Todo mundo que lê suas obras bem sabe disso. Isso resulta no estilo de Graciliano, isto é, a ausência de sentimentalismo, ou seja, na habilidade de dizer o essencial em poucas palavras. Ele faz uso de uma linguagem enxuta e rigorosa, que resulta em um estilo de literatura bastante crítica e reflexiva. Além disso, Graciliano Ramos “empregava termos nordestinos, tinha pouco sotaque e nunca usava gíria”.¹⁸

Em seu livro “Angústia”, objeto de estudo desta monografia, o crítico e teórico da literatura Otto Maria Carpeaux fala que Graciliano Ramos reside no seu estilo. E Otto Maria define estilo como escolha de palavras, escolha de construções sintáticas, de ritmos dos fatos, dos próprios fatos, para conseguir uma composição perfeitamente pessoal: pessoal no caso “à maneira de Graciliano Ramos”. Então, ele fala que estilo é uma escolha, entre o que deve ficar na página escrita e o que deve ser omitido; entre o que deve parecer e o que deve sobreviver. Assim, ele descreve o estilo de Graciliano Ramos como:

[...] Muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases-feitas, a eloquência

¹⁷ Escrito em 1925, publicado em 1933. Obra que conta uma história passada em uma cidade do interior, antiga aldeia dos índios caetés.

¹⁸ RAMOS, Graciliano, 1892-1953 – “Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Viviana de Assis Viana”. – São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 4. (Literatura Comparada).

tendenciosa. Seria capaz de eliminar ainda páginas inteiras, capítulos inteiros, eliminar os seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo: para guardar apenas aquilo que é essencial, isto é, conforme o conceito de Benedetto Croce, o elemento “lírico”.¹⁹

Graciliano Ramos tinha mania de perfeição ao escrever, não gostava de enrolar seus leitores, e preferia não estender um assunto com detalhes ou questões sem importância. Dizia só o essencial, e quanto ao resto, preferia o silêncio, é o que afirma Antônio Candido em seu livro “Ficção e Confissões”. Além disso, quando fazia a correção dos textos, nunca aumentava, só cortava.

Os livros “Caetés”, “São Bernardo”²⁰ e “Vidas secas”²¹ foram um marco no Romance de 30, e pertencem à segunda fase do Modernismo, mas nesses livros Graciliano Ramos explora muito a temática regionalista. Mesmo depois de seu primeiro romance, “Caetés”, que forma o ciclo nordestino, seus outros protagonistas continuavam sendo heróis fracassados.

No livro “Angústia”, percebe-se que o autor expõe uma vida superficial e um interior completamente reprimido de um homem que sente apenas uma vontade de ser “normal”. Para ajudar a conhecer esse tipo de anti-heróis, Antônio Candido explica que são:

[...] homens acuados, tímidos, vaidosos, hipercríticos, fascinados pela vida e incapazes de vivê-la, desenvolvendo um modo de ser de animal perseguido. Como tudo lhe parece voltado contra eles (e tudo neles parece insatisfatório, mesquinho).²²

Assim o escritor Graciliano Ramos constrói retalhos da vida de um homem composta por vários pedaços, que, de acordo com que se tecem, vão se juntando até formar uma teia. Esta teia é sombria, angustiante e confusa, e faz com que a vida do herói problemático seja marcada pelo fracasso. Luís da Silva é extremamente monótono, vive uma angústia existencial sem fim, e um ceticismo muito profundo, porque ele realmente acredita que nada acontecerá ou mudará em sua vida, a não ser algo relacionado ao pior. Porque ele sempre espera o pior, devido a autoestima baixa.

¹⁹ RAMOS, Graciliano. “Angústia”. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann – 39ª Ed. Rio, São Paulo: Record, 1993, p.231.

²⁰ Escrito em 1932. O livro conta a história de ascensão e decadência do fazendeiro Paulo Honório.

²¹ História de Fabiano, um vaqueiro rude e lacônico, que é chefe da família de retirantes.

²² CANDIDO, Antonio. “Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos”. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 114.

Assim, a vida de Luís da Silva é acentuada pelo desencanto de perder a noiva e de cometer um assassinato. No protagonista de “Angústia” falta ousadia, dinheiro e posição social. Além disso, ele vive insatisfeito com o presente, e é incapaz de viver em plenitude porque possui uma subjetividade²³ fragmentada, que o faz entrar em conflito. Por isso, ele rompe com as tradições da sociedade, e acaba tornando-se um indivíduo instável em seus relacionamentos. Torna-se também alheio a tudo, e se envolve nas leituras de romances, mesmo que na maioria das vezes essa leitura seja feita maquinalmente. E até na fragmentação do livro “Angústia”, quando Luís da Silva está fazendo uma leitura, ele diz:

[...] Tentei ler um artigo político de Pimentel, mas estava distraído, pensava em Berta, na neta de d. Aurora e na rapariga do Cavalo-Morto. Deitei-me cedo. Não pude dormir: os cabelos de fogo, os olhos e especialmente as pernas da vizinha começaram a bulir comigo. [...] Deitei-me na espreguiçadeira, acendi um cigarro, abri o livro e comecei a ler maquinalmente. De quando em quando bocejava, suspendia a leitura incompreensível.²⁴

A leitura forçada é uma forma de se trancar por dentro de si mesmo, e de afastar-se das coisas que acontecem ao redor dele, e também para desviar os pensamentos negativos. Pode-se dizer que a leitura é a receita de escape, que Luís da Silva usa para se esquecer dos problemas, ou de momentos ruins.

O livro “Angústia” é o romance mais complexo de Graciliano Ramos e também o mais envolvente, de acordo com os críticos. Mas, em sua carta para Antônio Candido, Graciliano diz que “forjou o livro “Angústia” em tempo de perturbações, mudanças, encrencas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo”. Ele ainda refere-se a “Angústia” como um livro “mal escrito”. Então ele diz que, ao reeditar “Angústia”, encontrou “defeitos horríveis com muitas repetições desnecessárias, um divagar maluco em torno de coisas bestas, desequilíbrio e excessiva gordura”. Além disso, ele diz que seria indispensável “recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa” (CANDIDO, 2006, p. 11). Mas, a cadeia impediu-o essa operação. Graciliano Ramos também diz a Candido que “a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história”. Só mais tarde viu. Ele também diz que sempre

²³ Subjetividade significa o “Eu”, ou seja, o mundo interno do indivíduo.

²⁴ RAMOS, Graciliano. “Angústia”. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann – 39ª Ed. Rio, São Paulo: Record: 1993, p. 38 e 56.

quando um modernista retardatário e pouco exigente vem seringando a amabilidade à “Angústia”, sempre diz: “Nada impede que seja um livro pessimamente escrito”. “Seria preciso fazê-lo de novo”. (CANDIDO, 2006, p. 11)

Mesmo com o passar dos anos, e pessimismo de Graciliano Ramos em relação a “Angústia”, esse romance ainda assim é considerado por muitos críticos como sua melhor obra. Por que melhor obra? Porque é um romance memorialista, cheio de monólogos, que o torna inesquecível e perturbador, e nele não há divisão estrutural em capítulos. É escrito como um estilo de “fluxo confessional, um relato de arrependimento, uma confissão de um homem desesperado”.²⁵ Além disso, não é um livro apenas de “problemas psicológicos, mas o drama de um intelectual pequeno-burguês em qualquer país da América Latina”. (Apud. VIANA, 1981, p. 6)

Na carta de Graciliano Ramos ao professor Antônio Candido, ele se compara a uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a gente dele. Mas, um dia, Ramos disse em um discurso que não era Paulo Honório, nem Luís da Silva e nem Fabiano. Antônio Candido diz que quanto ao primeiro e ao terceiro, não há dúvida de não ser Graciliano Ramos. Mas o terceiro personagem, Luís da Silva, há algo muito seu: a vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda mais profundas (CANDIDO, 2006, p. 59). Além de ambos evitarem o contato físico, Ramos expõe isso em seu livro “Memórias do Cárcere”.

No livro “Infância”, Graciliano Ramos mostra-se também bastante parecido com Luís da Silva, pois expõe toda a sua angústia e revolta contra as pessoas que têm poder, porque geralmente elas são injustas e esmagam os mais fracos. Ele criou esta visão, de que quem tem poder “naturalmente massacra”, “sufoca”.

Todas as suas histórias têm grande significado sociológico. Nelas ele faz uma dura crítica social, denuncia as mazelas sociais brasileiras e, sobretudo, a dura realidade do homem nordestino, mostrando previamente seu destino por causa da seca. Ele também critica a opressão das pessoas poderosas sob os mais fracos. Suas obras estão inseridas no realismo crítico, contendo sempre um herói-problema, pois são marcadas pela presença da análise psicológica e do paisagismo regionalista.

²⁵ Silvia. Disponível em: <http://www.cpv.com.br/cpv_vestibulandos/dicas/livros/litobr5501.pdf> Acesso em: 16, Maio de 2012.

Assim, todos os protagonistas das histórias de Graciliano são considerados como uma espécie de monstros, revoltados, pessimistas, caçados e nostálgicos que encerram-se em suas próprias desgraças para refletir a condição humana.²⁶

[...] Raras vezes se encontrará escritor de alto nível que deprecie tão metodicamente a própria obra. Há em Graciliano uma espécie de irritação permanente contra o que escreveu; uma sorte de arrependimento que o leva a justificar e quase desculpar a publicação de cada livro, como ato reprovável. Nas “Memórias do cárcere” há todo um complexo de Angústia, neste sentido. Caetés causa-lhe repulsa tão profunda que prefere evitar-lhe o nome. “São Bernardo” e “Vidas secas” lhe parecem “simplesmente toleráveis”, na informação de Francisco de Assis Barbosa. Isto se deve, é claro ao anseio de perfeição; mas também a uma vaidosa timidez, que chega ao negativismo e ao pudor de mostrar algo muito seu. (CANDIDO, 2006, p.59)

Todas as personagens de Graciliano Ramos têm algo em comum com ele próprio, principalmente Luís da Silva, de “Angústia”. Esse livro é o que o autor menos tolera, e Antônio Candido diz que é porque Luís da Silva é o protagonista que mais se parece com ele, e tem-se a certeza quando se lê o livro “Memórias do Cárcere”.

Conforme dito anteriormente, o romance “Angústia”, assim como outras obras de Graciliano Ramos, são marcadas pelo pessimismo. Graciliano Ramos constrói a relação eu/mundo em seus romances devido ao conflito existente de não sentir-se a vontade no mundo, como se ele também não pertencesse a nenhum lugar. Assim, no próximo capítulo será apresentada a análise da personagem de “Angústia”.

²⁶ SANTOS, Daniela. Disponível em: < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1040731> > Acesso em 21, Maio de 2012.

Capítulo 3

ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA DO ROMANCE “ANGÚSTIA”, DE GRACILIANO RAMOS, E A RELEVÂNCIA DA OBRA NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo Georg Lukács, o herói problemático tem a “tendência de esquivar-se de lutas e conflitos externos, e não acolhê-los, a tendência de liquidar na alma tudo quanto se reporta à própria alma” (LUKÁCS, 2000, p. 118). Perante as dificuldades de sua vida, o herói perde a fé, e sem acreditar em si mesmo, ele acaba criando uma resistência que o faz desistir de lutar. Fazendo sua escolha, ele se torna um covarde.

É por essa razão que a personagem Luís da Silva se enquadra no estereótipo de herói problemático, pois ele é amargo, isolado, fracassado, frustrado com seus relacionamentos e com seu emprego, raivoso, petulante, depressivo, com a autoestima baixa, embora não pareça. Ele é desencantado, pessimista, tímido, racional e introspectivo, pois é voltado para si mesmo, e, na maioria das vezes, ignora tudo o que acontece ao seu redor. Esse personagem tem dificuldade de se relacionar e de lutar pelo que deseja, pois sente medo de ser rejeitado, de não ser aceito pelos outros, principalmente de não ser aceito por alguém que ele se importa, ou melhor, se interessa. Com isso, de acordo com as palavras de Candido, ele acaba entrando em conflito entre:

[...] um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo. Daí a incapacidade de viver normalmente e o nascimento do senso de culpa, ou autonegação.²⁷

A citação acima é proveniente do fato de Luís da Silva não gostar de si mesmo, da sua vida, e isso acontece por causa de sua autoestima rebaixada, por isso, ele considera que nada de bom habita nele, e assim perde a vontade de socializar com o mundo exterior. E ele também entra em conflito entre subjetividade e objetividade. A “subjetividade é associada ao sujeito”, ou seja, o mundo interno

²⁷ CANDIDO, Antonio. “Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos”. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p.114.

dele, o próprio "eu", e está relacionado às emoções, aos afetos e desejos. A objetividade se refere a "tudo o que está fora do sujeito", ou seja, a relação dele com o "mundo externo", e está relacionado à lógica, ao intelecto e à realidade, etc.²⁸ Assim, a objetividade não poderia existir sem a subjetividade, pois, se existisse, os seres humanos seriam totalmente mecânicos. E é por causa desse conflito entre subjetividade e objetividade que Luís da Silva julga estar em uma posição diferente em relação à realidade universal. Nesse sentido, percebe-se um pouco desse conflito no fragmento abaixo retirado do livro "Angústia", quando essa personagem vai a um bar:

[...] entrava numa bodega, tentava conversar com os vagabundos, bebia aguardente. Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se ao balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério. Viam um sujeito de modos corretos, pálido, tossindo por causa da chuva que lhe havia molhado a roupa.²⁹

Luís da Silva sente dificuldade de socializar, e esse incômodo é maior quando ele está diante de novas pessoas, pois não consegue se expressar com desconhecidos. E ainda possui um sentimento de superioridade em relação a algumas pessoas, mesmo tendo autoestima baixa, e talvez isso aconteça pelo fato de ser intelectual. Assim, para ele não basta apenas conhecer a espécie humana, é preciso saber lidar com toda a sua complexidade, mas ele não consegue entender nem a si próprio, quanto mais os outros. Então, pelo fato de se achar diferente e de nunca se encaixar em nenhum grupo, ele tende a se isolar, e se fecha e cria um mundo apenas dele.

Talvez por causa disso, esse herói acaba gerando a revolta interior, a inércia, quando encontra dificuldade em tornar realidade seus desejos, a instabilidade por não saber lidar com o mundo externo, sendo muitas vezes levado à introspecção como fuga à fantasia, e uma visão muito crítica do mundo em que vive e, principalmente, de si mesmo, que o conduz à culpa consciente por causa da

²⁸ COSTA, Regina.; KRUGER, Verno. "Concepções sobre objetividade/subjetividade no fazer ciência e possíveis implicações na sala de aula universitária". Pelotas, RS, Brasil, 2003.

²⁹ RAMOS, Graciliano. "Angústia". Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann – 39 ed. Rio, São Paulo: Record, 1993, p. 113.

inadaptação com os outros do seu meio social, fazendo-o sentir "um desejo profundo de aniquilamento, abjeção e catástrofe" (CANDIDO, 2006, p. 114).

Esse incômodo é relatado por Luís da Silva no livro "Angústia", e o desconforto torna-se maior perante Julião Tavares, como pode-se ver neste trecho:

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida. [...] Como falavam alto, percebi claramente as palavras de Julião Tavares. Não tinham sentido. Como o discurso do Instituto Histórico. Pois foram tolices assim que aquele tipo nos veio impingir. Horrível. Diante dele eu me sentia estúpido. Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava uma palavra para dizer. A minha linguagem é baixa, acanhada. (RAMOS, 1993, p.8 e 49).

Luís da Silva deixou sua vida virar um emaranhado de problemas, que parecem insolúveis. Mas o seu problema maior é Julião Tavares, isso porque ele o acha incompreensível, por serem incomparáveis e incompatíveis. O incômodo surge da irritação com a presença do oponente, situação essa que ele não consegue controlar. E o que o perturba é a concepção de vida, de amor, de relacionamentos, e principalmente a conduta de vida que Julião Tavares tem. Seu oponente também é burguês, e além de tudo é amável em demasia, sedutor e conquistador, pois dá em "cima das mulheres bonitas" apenas "com o olho guloso", e, para Luís da Silva, ele "estava mesmo precisando de uma surra" (p. 75), principalmente porque estava se envolvendo com Marina e "meses atrás se entalara num processo de defloração, de que se tinha livrado graças ao dinheiro do pai". (p. 75) Assim, para ele:

Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer (RAMOS, 1993, p. 139).

O que Julião Tavares faz vai contra os princípios de Luís da Silva, e, por isso, este o transformou em seu pior inimigo. O herói também se sente incomodado mais ainda quando é obrigado a conviver diariamente com o seu oponente, pois este último está em todos os lugares de sua vida, ou seja, está em seu trabalho se

envolvendo com seus amigos, em algumas ruas da vizinhança, e até mesmo na casa de sua noiva Marina aproveitando-se de sua ausência para seduzi-la, o que detona o interesse em querer matá-lo. Além disso, Julião Tavares é de família rica, é patriota, reacionário ³⁰, católico, literato, bacharel, anda sempre em bons trajes, julga-se superior aos outros em todos os aspectos. E isso tudo provoca ódio ao herói de “Angústia”, o sufoca, a ponto de ficar obcecado e cometer o assassinato de seu rival.

Ao contrário de seu inimigo, Luís da Silva é pobre, é funcionário público, mas não se identifica com o seu trabalho, e se veste como um trapo e está sempre em dívida com as pessoas de seu meio. Ele também mora de aluguel em uma pensão onde não encontra sossego, e o próprio descreve sua moradia como um quarto velho e sujo, pequeno, abafado e escuro, cheio de pulgas, percevejos, ratos e teias de aranha, e composta de alguns buracos na parede de onde se espia a vida cotidiana de seus vizinhos, e principalmente a vida de Marina e Julião Tavares. Através disso, o crítico Antônio Candido afirma que esses fatos atingem “simbologicamente, a materialização do homem dilacerado” (p. 115) imergido das profundezas.

Assim, o protagonista de “Angústia”, objeto de estudo desta monografia, é um ser recalcado, que se vê injustiçado, sente-se agoniado, revoltado e inconformado com a ambição e com o sistema econômico capitalista na relação de causa e efeito que provoca na sociedade. Além disso, ele está presente em uma situação de inconstância, insuficiência, impotência, insegurança e anomia. E é essa anomia ³¹ que o leva a um estado de falta de objetivos e perda da identidade. ³² E esse problema é causado devido às constantes transformações no mundo social moderno e, por causa dessas ocorrentes mudanças sociais, Luís da Silva fica à deriva, tendo perda quase total de sua identidade.

Conforme Candido, ele é duplicado, porque possui a “formação de uma alma exterior que adquire realidade e projeta o desdobramento do ser”. Por isso ele é um ser duplo, porque metade do que tem em Julião Tavares lhe tem, e a outra metade

³⁰ Antidemocrático. Aquele que defende princípios ultraconservadores, contrários à evolução política, ou social. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/antidemocratico/>>

³¹ Estado de uma sociedade caracterizada pela desintegração das normas que regem a conduta dos homens e asseguram a ordem social; anarquia. Ilegalidade. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/anomia/>>

³² HONÓRIO, Flávio. "Anomia em Dostoiévski: negação de referências". Disponível em: <teoliteraria.com/tlj/index.php/tlj/article/view/31/30> Acesso em: 16, Abril de 2012.

lhe falta, que é a parte que o completaria. Como também, não se sabe ao certo, se ele é bom ou mau, por isso pode-se considerar que ele é um ser dividido.

Com tudo o que foi apontado, pode-se dizer que Luís da Silva também é um ser antimoderno, mas não é que ele seja antimoderno, até porque “para ser inteiramente moderno, é preciso ser antimoderno”³³. Na concepção das pessoas, antimoderno seria “antiquado”, “ultrapassado”, “arcaico”. Mas em “Os antimodernos”, Antoine Compagnon³⁴ fala do antimodernismo como uma “ambivalência” em relação ao moderno, e não uma simples rejeição. Para Compagnon, os antimodernos são os verdadeiros modernos porque eles são lúcidos, enquanto os fanáticos do modernismo são cegos e nos cegam para nossa relação com o passado, o presente e o futuro. Porque aquele que é antimoderno é mais dialético, e é isso que o torna mais inteligente e mais lúcido sobre aquilo que se passa na literatura, portanto mais livre perante ela e perante o mundo.³⁵ Com isso, mesmo às vezes a contragosto, Luís da Silva sem dúvida está preso às características do modo de pensar e agir moderno, e carrega em si a crise de valores e de sentido desse mundo. Porém, o seu fracasso prova que a compreensão da concepção moderna do ser humano, que ela projetou é falsa, porque de fato, nem todos conseguem acompanhar de forma rápida a modernidade imposta pela sociedade.

Julião Tavares é o típico homem moderno, e mesmo o protagonista de “Angústia” o criticando, sente um pouco de inveja de sua vida, mas ele não consegue seguir as normas sociais porque a inércia o impede de progredir na vida, fato que não o faz lutar nem para conseguir um trabalho melhor, já que ele é insatisfeito com o seu emprego, e também com sua vida na pensão.

Esse conformismo é também devido ao fracasso, pois tudo o que ele tentou ser foi em vão. Mas mesmo Luís da Silva sendo inerte em várias situações, toma uma atitude de querer casar com uma pessoa incompatível, pois Marina e ele não têm nada em comum, e ele só é motivado a querer ficar com ela apenas por sentir um interesse sexual. Isso e o assassinato que ele comete são destinados apenas aos homens de ação, como Luiz Felipe Pondé comenta em seu livro “Crítica e

³³ BERMAN, Marshall. “Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade”. Trad. Carlos F. Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 13.

³⁴ Compagnon é um engenheiro, historiador e professor de literatura francesa, nasceu em 20 julho de 1950 em Bruxelas na Bélgica.

³⁵ COMPAGNON, Antoine. “Antoine Compagnon e a vanguarda dos céticos” Disponível em: <oglobo.globo.com/.../antoine-compagnon-a-vanguarda-dos-ceticos-4> Acesso em: 24, Abril, 2012.

profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski” (2003). Por isso, Luís da Silva critica tanto os homens estilo Julião Tavares, e não faz questão de se juntar a eles, até porque ele é um homem comum, que trabalha apenas para se alimentar, não cobiçando grandes fortunas.

Mesmo assim, o protagonista de “Angústia” ainda parece sentir muita culpa, ressentimento e angústia em relação à vida. Pois ele se julga nulo, incapaz, covarde e pobre em todos os aspectos, e ele não se importa de ser insignificante, pois tem total consciência disso. E assim ele diz a si mesmo que “falta-lhe tranquilidade, falta-lhe inocência”, e se sente feito “um molambo que a cidade puiu demais e sujou”. (RAMOS, 1993, p. 20). Assim, ele se acha tão insignificante que acaba desencadeando um comportamento fóbico que não o deixa agir, preferindo ser até sufocado porque permite que os outros o esmaguem como neste trecho:

Eu encolhia-me, reduzia-me e, em caso de necessidade, sentava-me com uma das nádegas. As viagens se tornavam horrivelmente incômodas, mas havia-me habituado a elas, e ainda que o carro estivesse deserto, não poderia espalhar-me como Julião Tavares: receava que me viessem empurrar e tomar, sem pedir licença, algumas polegadas da tábua estreita. (RAMOS, 1993, p. 182)

Luís sente-se acuado em todos os lugares, e ele mal consegue encarar as pessoas, pois sente vergonha de si mesmo, sente-se um verme, um desajustado no mundo. Ele apenas se satisfaz pensando no seu passado, e o que não o deixa ser mais fracassado ainda é o fato de ser intelectual e de ter vários manuscritos de sua autoria guardados que, de vez em quando, ele revê e os julga. Mas mesmo assim não é o bastante, porque não há lugar para ele no mundo, pois está perdido e é impossível achar uma porta de saída. O herói de “Angústia” também não possui nenhuma identificação com seu trabalho, pois, para ele, todos são seus inimigos. Por se sentir encurralado, a sua sobrevivência é a neurose que o alimenta, e que o faz cometer um crime. As pessoas o esmagam, e ele não consegue se colocar em lugar algum da sociedade. Enquanto os outros vão se apossando de tudo, ele vai se encolhendo e se reduzindo a nada. Em contraste, o protagonista de “Angústia” descreve Julião Tavares como sendo:

[...] sem-vergonha, caminhava como se estivesse em casa, pisando no chão pago. Em toda a parte era assim. Derramava-se no bonde e se alguém lhe tocava as pernas, desenroscava-se com lentidão e lançava ao importuno um olhar duro.

Ambos são diferentes em seus modos de agir, até porque Julião Tavares é confiante, é como uma máquina que controla sempre suas atitudes e ações, diferente de Luís da Silva que não consegue controlar nada ao seu redor. O herói de “Angústia” não tem nenhuma confiança em si mesmo, enquanto o seu oponente tem confiança ultrapassada do limite, exagerada, fato que o transforma em soberbo. Além disso, o significado dos nomes condiz com as suas personalidades. Assim, o nome Luís da Silva, é considerado comum, porque é simples, de pouca importância, pois revela a sua mediocridade e irrelevância. Há milhares de pessoas com esse nome, e isso provoca uma confusão, que faz com que ele tenha perda de sua identidade, porque o torna igual a todos os outros, com isso, prova que ele não é especial, mas apenas um ser sem eira nem beira, e é por causa disso que ele é um ser excluído. Já o nome Julião Tavares designa uma pessoa de qualidades, e revela o quão importante ele é, pois está no aumentativo, e isso, significa que tem poder, é forte, poderoso, influente, tem nome, presença e dinheiro.

Assim, Luís da Silva se sente inferiorizado, e a inércia se torna mais fácil para ele. Pois se acostumou a ficar no mesmo lugar, sem tomar nenhuma decisão, porque as mudanças levam ao desconhecido. É mais seguro para ele ficar estagnado, de agir como se nada estivesse acontecendo, em algumas horas pode até parecer mais confortável, porém acaba se tornando insuportável, e nota-se isso pelo próprio desespero dele, que o sufoca e também a nós leitores. Por isso também, Luís da Silva assassinou Julião Tavares, porque se sentia incapaz.

O herói de “Angústia” também vive um clima de pesadelo em todos os sentidos, que o impossibilita de conviver com os outros, e até com os próprios animais, pois qualquer barulho o incomoda. Com isso, ele sofre com a ausência de perspectiva, e ele não faz planos e não tem sonhos, apenas recua de seus desejos. Mas pior foram as condições decadentes na qual Luís se infiltrou, assim como o resto de sua família, acabaram criando um círculo de derrotados. O protagonista de “Angústia” é sombrio ao longo da história, e acaba se tornando mau apenas no final, o que o faz mais digno de pena.

Luís da Silva também sente nojo das pessoas. Em uma passagem do livro, ele confessa ter "horror às apresentações, aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz, ou mexeu nas coxas de qualquer Marina" (p. 155). Ele sente mais nojo ainda de

peessoas que se julgam superiores, como Julião Tavares que desde o momento que o viu, Luís não simpatizou com ele. Em seu oponente tem tudo o que ele odeia, porque é um sujeito burguês eufórico, sedutor, mulherengo, patriota, gordo, católico e filho de família capitalista de boa posição.

No fundo, Luís da Silva sente inveja, pois Julião Tavares tem tudo o que lhe falta. “Por isso é necessário matá-lo, esconjurando a projeção caricatural dos próprios desejos, que o reflete como um espelho deformante” (CANDIDO, 2006, p. 116). Ao eliminar o inimigo, Luís da Silva elimina a si mesmo, fazendo com que todos os fantasmas de sua infância desapareçam, e também todas as suas recordações do passado recentes de humilhações, de opressão, miserabilidade e traição, porque tudo lhe foi tirado, assim como diz Hermenegildo Bastos:

Luís da Silva é um ser a quem foram roubadas as condições, como também o sentido e a vontade de agir. O assassinato de Julião Tavares seria a ação capaz de retirá-lo da total abulia.³⁶

Assim, matar Julião Tavares significa muito para Luís da Silva do que apenas ódio, pois, exterminando o inimigo, o protagonista de “Angústia” estará se vingando do seu passado, como uma forma de seguir a tradição da família, e de ser superior ao seu avô Trajano. Porque ele não foi apenas um mandante, ele executou o crime.

Ao cometer o assassinato, pode-se dizer que Luís da Silva representa a figura de pobre diabo no quadro geral da Literatura Brasileira, como o chamou José Paulo Paes em seu ensaio “O pobre diabo no romance brasileiro”. Principalmente quando afirma que esse tipo de personagem é um anti-herói marcado por certa “vocação para o fracasso”³⁷. Rebaixado socialmente, por não pertencer a nenhuma classe social, nem ao proprietário e nem ao proletário, e sim ao lupemproletariado, torna o protagonista de “Angústia” um herói problemático, que segundo Georg Lukács³⁸ apenas tenta buscar a totalidade da vida em um mundo degradado. De funcionário público mal pago, Luís da Silva transforma-se no verdadeiro pobre diabo, porque seu crime levou-o à sarjeta onde permanecem apenas os vermes sujos sociais.

³⁶ BASTOS, Hermenegildo José de M. “Memórias do Cárcere, literatura e testemunho” – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p.111.

³⁷ PAES, José Paulo. “A aventura literária. Ensaio sobre ficção e ficções”. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

³⁸ Georg Lukács foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX.

Luís da Silva torna-se o personagem mais profundo de Graciliano Ramos, porque contém o monólogo interior que retrata os pensamentos do personagem, transmitindo-nos todos os sentimentos de revolta diante da realidade ou angústia, e também fazendo-nos compreender sua forma estética e íntima em relação entre literatura e realidade sobre o mal estar do homem na sociedade.

Mas mesmo assim, Graciliano Ramos julgava o livro “Angústia” como um romance “desagradável”, um “solilóquio doido”, “enervante” e “mal escrito”, disse isso em seu livro “Memórias do Cárcere”. Mal sabendo ele que, anos depois, “Angústia” seria considerada por muitos críticos como sua melhor obra, fazendo dele um dos principais autores da literatura brasileira, porque além de dar voz aos oprimidos e defender o artista moderno, Graciliano Ramos escrevia sobre política, estabelecendo também um vínculo entre literatura e vida. Com isso, é de suma importância ler as obras de Graciliano Ramos para entender a história do Brasil e entender a si mesmo.

Contudo, isso significa que Graciliano Ramos é um dos mais completos e melhores autores, porque escreveu sobre memorialismo, e também pelo fato de suas obras serem baseadas nas experiências de vida que ele teve ao viajar pela Europa. Apenas com um lápis e um papel na mão, tudo virava literatura e arte. Ele foi considerado por muitos como um dos melhores professores, por isso era chamado de Mestre Graça. E sua literatura é fundamental na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O herói problemático Luís da Silva, de “Angústia” do autor Graciliano Ramos, tem qualidades e características que não são admiráveis para um herói comum. O fato de viver em um mundo civilizado, organizado, urbano e lotado de pessoas egoístas, o torna um personagem afastado socialmente, angustiado, medíocre, amargo e solitário. Apesar disso, ele tem uma alma boa, que apenas se vê inconformado com o seu destino, e com as injustiças do mundo e com ele mesmo.

Em seu íntimo, pode ser que ele desejasse apenas um lugar no qual todos se respeitam e se cumprimentassem em uma cordialidade ímpar. Isso sem dúvida foi um dos motivos para Luís da Silva não ter simpatizado com Julião Tavares, pois seu oponente se sentia superior a todos, e o protagonista principal não queria se sentir rejeitado e muito menos inferiorizado. Até porque um representaria o opressor (capital) e o outro o oprimido.

O herói de “Angústia” busca um mundo perfeito, mas ele sabe que esse desejo não pode ser realizado, por isso, se refugia em sua mente, ou seja, nas suas lembranças de infância. Daí ele entra em nostalgia, porque não consegue aprender a se localizar, não sabe quem é, nem onde está, o que faz, e o que precisa fazer para ser alguém como os outros. E isso acontece por ele se sentir um ser excluído, porque a sociedade moderna é separatista, há uns que estão bem, e outros não, mas ninguém se importa. Através disso, surge o sentimento de ódio ao burguês e ao sistema capitalista, que só massacra os mais pobres, enquanto dar poder aos mais ricos. E por ser totalmente rebaixado socialmente, ele acaba representando a figura do pobre diabo, que só quem faz parte são os heróis degradados.

Toda essa realidade do herói problemático, que é também um pobre diabo, ou chamado de anti-herói, faz parte do movimento literário conhecido como “Romance de 30”, do qual participou Graciliano Ramos. Nesse tempo, estava acontecendo a 2ª fase do Modernismo, que tinha como tema principal o Regionalismo, então, ele aproveitou para denunciar os problemas, políticos, sociais e econômicos do Brasil, como também para defender os oprimidos que eram humilhados pelos opressores. Portanto, graças ao autor Graciliano Ramos, e suas obras de caráter regionalista, que defendem o trabalhador rural, como também seu romance “Angústia”, pode-se refletir sobre quem somos para tentar construir uma identidade própria, sem usar

máscaras. E, dessa forma, cabe às pessoas tentarem ser alguém melhor e reconhecer quem elas são, sem a censura moralista que a sociedade emprega.

“Angústia” de Graciliano Ramos faz os leitores entrarem em uma viagem profunda no inconsciente de um funcionário público, que é visto como um homem comum, medíocre. Um homem ridículo. Assim, Luís da Silva também é visto como um herói problemático porque é fruto da sociedade capitalista.

Por tratar de temas pertencentes à construção da história da literatura, quer seja no aspecto regional, quer seja universal, Graciliano Ramos traz à tona uma realidade incômoda, e provoca no leitor um interesse maior por nossa literatura. Por isso, há que se destacar tal obra e o mencionado autor.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Hermenegildo José de M. "Memórias do Cárcere, literatura e testemunho" – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BERMAN, Marshall. "Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade". Trad. Carlos F. Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BUENO, Luís. "Uma História do Romance de 30". São Paulo: Edusp, 2006, p. 203.

CANDIDO, Antonio. "Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos". Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. "Presença da literatura brasileira". 4.ed. rev. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

COMPAGNON, Antoine. "Antoine Compagnon e a vanguarda dos céticos" Disponível em: <oglobo.globo.com/.../antoin-compagnon-a-vanguardia-dos-ceticos-4> Acesso em: 24, Abril, 2012.

COSTA, Regina.; KRUGER, Verno. "Concepções sobre objetividade/subjetividade no fazer ciência e possíveis implicações na sala de aula universitária". Pelotas, RS, Brasil, 2003.

FILHOS, Silva; LIMA, João Paulo. "Literatura e Sociologia: Graciliano Ramos e o Lugar do Romance do Real no Brasil". Rio de Janeiro, 2009.

GEORG, Lukács. "A Teoria do Romance: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as formas da grande épica"; São Paulo, Editora 34; 2000.

GODOY, Abílio. "Negatividade, fatalidade e aporia: Uma visão trágica do mundo nos contos de Rubem Fonseca". São Paulo, 2009.

HONÓRIO, Flávio. "Anomia em Dostoiévski: negação de referências". Disponível em: <teoliteraria.com/tlj/index.php/tlt/article/view/31/30> Acesso em: 16, Abril de 2012.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. "Dicionário Básico de filosofia". 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

KLAUCK, Ana. "A Teoria do Romance de Georg Lukács: uma reflexão sobre o herói de Os Ratos, de Dyonélio Machado". Disponível em: <www.palpitar.com.br/download.php?file=A%20teoria%20romance.pdf> Acesso em: 6, Setembro de 2012.

KOTHE, Flávio R. "O herói". Editora Ática, São Paulo, 2000.

LACERDA, Antônio Correa; BOCCHI, João Ildebrando; REGO, Jose Marcio; BORGES, Maria Angélica; MARQUES, Rosa Maria. Economia brasileira. São Paulo: Saraiva. 2000.

LUKÁCS, Gyorgy. "Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social". Trad.: Lya Luft e Rodnei Nascimento. Editora Boitempo Editorial, 2010.

LUKÁCS, Gyorgy. Translated by Rita Keresztesi-Treat. Edited by Tyrus Miller. "Aesthetic Culture". Disponível em: <http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Lukacs,%20Georg/Aesthetic%20Cultu Cu.pdf> Acesso em: 11, Outubro de 2012.

MEIRELES, Domingos. "1930 - Os órfãos da revolução". Editora Record, São Paulo, 2005.

MELO, Cimara. "A canção popular brasileira e o Romance de 30". Porto Alegre - Vol. 03 N. 01, 2007.

NETO, Aristóteles. "Dom Quixote e Fogo Morto: Um estudo comparado". João Pessoa, 2006.

PAES, José Paulo. "A Aventura Literária. Ensaios sobre ficção e ficções". São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PONDÉ, Luiz Felipe. "Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski". São Paulo: Editora 34, 2003.

PRADO, Edna. "Modernismo no Brasil – Segunda Fase (Prosa)". Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/13667640/Literatura-Aula-25-Modernismo-no-Brasil-2-fase-prosa>> Acesso em: 10, Maio de 2012.

RAMOS, Graciliano, 1892-1953 – "Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Viviana de Assis Viana". – São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comparada).

RAMOS, Graciliano. Angústia. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann – 39ª Ed. Rio, São Paulo, Record, 1993.

RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RESENDE, Flávia. "Por Elise: Sobriedade Épica, Respiração Lírica, Grito Dramático". Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/cpq/revista%20revele/Revista_tres/ESTUDOS%20LITER%C3%81RIOS/17POR%20ELISE%20-%20FL%C3%81VIA%20RESENDE.pdf> Acesso em: 11, Outubro de 2012.

RUY, José. "Angústia: quando o problema é o herói". Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/sc/noticia.php?id_noticia=164723&id_secao=11> Acesso em: 10, Agosto de 2012.

SANTOS, Daniela. Disponível em: <
<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1040731>> Acesso em 21, Maio de 2012.

SANTOS, Robson. "Sociedade e Literatura no Romance Angústia de Graciliano Ramos". Disponível em:
<www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/105/106> Acesso em: 10, Agosto de 2012.

SILVA, Eliseu. "Graciliano Ramos: O escritor e o homem" Disponível em: <
www2.uefs.br/dla/graduando/n1/n1.139-155.pdf> Acesso em: 10, Agosto de 2012.

Silvia. Disponível em:
<http://www.cpv.com.br/cpv_vestibulandos/dicas/livros/litobr5501.pdf> Acesso em:
16, Maio de 2012.